

# JEREMIAS, PROFETA CRÍTICO DO PODER IMPERIAL

## A hegemonia e a grandeza babilônica, numa leitura profética da história, à luz da fé

Jaldemir Vítório\*

### Resumo

*Ajuda-nos a compreender a atitude do profeta Jeremias diante da dominação babilônica e as tentações de pactos equivocados com outros poderes, como o Egito, no caso. Diante das ameaças e perigos de dois grandes impérios, como agir, qual critério adotar? Jeremias propõe não encantar-se nem amedrontar-se por demais diante dos impérios. Eles não são eternos, seus projetos não duram para sempre. Quanto maior for a tirania deles, maior será sua queda. No entanto, ele não defende uma atitude inconsequente e suicida contra a Babilônia. Nesse caso, a prudência cheia de esperança é a alternativa.*

**Palavras-chave:** Jeremias. Egito. Babilônia. Prudência. Esperança. Poder.

### Abstract

*The text helps us to understand prophet Jeremiah's attitude concerning the Babylonian domination and the temptation of erroneous alliances with other powers, just like Egypt, as proposed in the case. How to act in face of threatens and perils from the two biggest empires of Jeremiah's times? Which criteria should be used? Jeremiah proposes not to be enchanted nor frightened when facing those empires. They are not eternal, their projects wouldn't last forever. The bigger their tyranny is the bigger their fall. Nevertheless, he doesn't defend an inconsequent and suicidal attitude against Babylon. In this case, the prophet proposes a hopeful prudence as the appropriate alternative.*

**Keywords:** Jeremiah. Egypt. Babylon. Hope. Power.

\* Texto produzido no âmbito do Projeto de Pesquisa *Tradições Proféticas e Sapienciais do Antigo Testamento* e do Grupo de Pesquisa *A Bíblia em Leitura Cristã* (CNPq), do PPG em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE.

## Introdução

Uma leitura superficial do texto de Jeremias pode transmitir a ideia equivocada de se ter dobrado à potência hegemônica do momento, a Babilônia. Tendo despontado no cenário mundial, ao derrubar o Império Assírio, em 605 aC, os babilônios foram os senhores da Judeia, até 539 aC, ao serem derrotados pelos persas. Para impor o senhorio aos novos vassalos israelitas, aprisionaram o rei Jeconias (Joaquin), “sua mãe, seus oficiais, seus dignitários e seus eunucos” e os deportaram para a Babilônia, juntamente com “todos os dignitários e todos os notáveis, ou seja, dez mil exilados, e todos os ferreiros e artífices; só deixou a população mais pobre da terra... Todos os homens valentes, em número de sete mil, os ferreiros e os artífices, em número de mil, e todos os homens capazes de empunhar armas, foram conduzidos para o exílio da Babilônia pelo rei da Babilônia. E em lugar de Jeconias, o rei da Babilônia constituiu rei seu tio Matanias, cujo nome mudou para Sedecias” (2Rs 24,12.14-17). O Templo de Jerusalém e o palácio real foram saqueados e os objetos de valor, levados para a Babilônia (2Rs 24,13). Este era o comportamento padrão dos babilônios com os povos assujeitados.

Estamos em 597 aC, ano da primeira deportação. A década seguinte será tormentosa para os que permaneceram na Terra, liderados pelo inseguro Sedecias. Seu governo desastroso levou os babilônios a promoverem uma segunda deportação, em 587 aC, ocasião em que o Templo, o palácio real e “todas as casas de Jerusalém” foram saqueados e incendiados e as muralhas arrasadas. Um grupo de remanescentes da primeira deportação e quem se bandeou para os babilônios foram, também, levados para o exílio. Sedecias teve os olhos perfurados e foi conduzido à Babilônia, depois de seus filhos serem degolados (2Rs 25,6-7) e sua precária corte, eliminada (2Rs 25,18-21; Jr 52,1-30). Permaneceu uma população pobre de vicultores e de agricultores (2Rs 25,8-12).

Godolias, filho de Aicam, filho de Safã, família ligada à casa real de Jerusalém, foi encarregado de administrar as ruínas, tendo se instalado em Masfa, onde declarou submissão ao rei da Babilônia (2Rs 25,22-24).

Nosso texto, de caráter narrativo, percorre a profecia jeremiana com o propósito de verificar a postura do profeta, sua posição em relação à Babilônia, na década em que Sedecias esteve no trono (597-587 aC). Na corte de Jerusalém, havia duas facções em conflito, quiçá três: a pró-Egito, a pró-Babilônia e, provavelmente, a que propunha a neutralidade, ou seja, renunciar a qualquer gesto ou iniciativa contrária aos interesses do poder hegemônico<sup>1</sup>. O grupo pró-Egito seria formado pelos habitantes de Jerusalém; o pró-Babilônia, pelos camponeses de Judá. “A maioria da população de Jerusalém apoiava a política do controle egípcio sobre Judá e, naturalmente, o seu governo. Todavia, a população do interior, sob a liderança de Jeremias, opunha-se a essa posição, pregando submissão à

1. Cf. CAMELO, 1989, p. 67-88.

política dos babilônios, em Judá”<sup>2</sup>. O primeiro grupo inspirava-se numa “teologia ou ideologia régio-sacral”; o segundo, na “teologia da comunidade aliancista”, ou seja, ligada à teologia deuteronomista da Aliança<sup>3</sup>.

A destruição do Templo e da cidade e a conseqüente segunda deportação, com certeza, se devem à prevalência da facção pró-Egito, no ambiente da corte. O profeta Jeremias pregava a submissão aos babilônios como única possibilidade de se evitar a catástrofe, exatamente, como Godolias haveria de declarar: “Não temais ser servos dos caldeus; ficai na terra, submetei-vos ao rei da Babilônia e tudo vos correrá bem” (2Rs 25,24; cf. Jr 40,9-10). Lição, com probabilidade, aprendida de Jeremias que, por isso, foi tido na conta de pró-Babilônia.

Lendo, com atenção, o texto bíblico é possível descobrir uma faceta diferente do profeta de Anatot, durante o reinado de Sedecias e no curto período do governo de Godolias. Longe de estar fascinado pela potência hegemônica, muito pragmático e realista, anunciava a submissão como caminho incontornável de sobrevivência, no complicado momento da história de Israel, como exigência de Iahweh, no processo de castigar Israel, seu parceiro de Aliança, servindo-se do violento Nabucodonosor. Entretanto, estava certo de que a Babilônia, mais cedo ou mais tarde, estava fadada à ruína. O pano de fundo teológico da pregação de Jeremias era a soberania de Iahweh, que se servia de mediações históricas para realizar seus desígnios<sup>4</sup>. A frágil grandeza do imperialismo babilônico tinha os dias contados! A fé do profeta jamais se dobraria às pretensões idolátricas das criaturas, quaisquer que sejam, a começar pelos imperialismos.

O Jeremias referido neste estudo corresponde ao que transparece no texto bíblico, introduzido pela declaração: “Palavras de Jeremias, filho de Helcias, um dos sacerdotes que residiam em Anatot, no território de Benjamim” (Jr 1,1.). No âmbito da análise narrativa, trata-se do Jeremias transmitido (codificado?) por quem deu a formulação última e editou suas profecias, com finalidades precisas e visando a leitores bem concretos<sup>5</sup>. Poderiam ser os deuteronomistas e a escola deuteronomista, muito ativos no reinado de Josias e no período posterior, incluindo o exílio e o pós-exílio<sup>6</sup>. É o Jeremias que fala através dos tempos e chega até nós, como postura inspiradora de relação com os grandes Impérios, do passado, do presente e do futuro, com pretensões de eternidade, cuja precariedade o tempo se encarrega de desmascarar.

A reflexão será introduzida por uma breve descrição da situação política do reino de Judá, no período intermediário aos dois exílios (item 1). Em seguida, a

2. SIQUEIRA, 1999, p. 37.

3. FRADES, 2011, p. 122-123.

4. Cf. FRADES, 2011, p. 121; MELLO, 2007, p. 118-119.

5. Cf. MARGUERAT-BOURQUIM, 2009, p. 75-95.

6. Cf. RÖMER, 1996, p. 27-50.

posição do profeta Jeremias, insistindo na submissão à Babilônia, será explicitada pela leitura de perícopes chaves (item 2). O preço pago pelo profeta de Anatot, ao caminhar na contramão dos falsos profetas, foi alto. Entretanto, nada o demoveu da total certeza de estar falando a mando de Iahweh (item 3). Quando da tomada de Jerusalém, os generais babilônicos, por ordem expressa de Nabucodonosor, mostraram-se benévolos com Jeremias, e o trataram com deferência, talvez por tê-lo na conta de colaboracionista (item 4). Nada disto o impediu de ser crítico da Babilônia e lhe anunciar o fim (item 5) e, pelo contrário, proclamar um futuro promissor para Judá (item 6). A conclusão sintetiza as grandes linhas da posição do profeta e aponta para a atualidade de sua pregação para os discípulos de Jesus, confrontados com os imperialismos de todos os tempos, cuja efemeridade é preciso denunciar, não obstante parecerem eternos e imbatíveis.

### **1. Entre dois exílios: um contexto de crise e de incertezas**

A Babilônia aplicou a Judá seu método de submissão aos povos vassalos: o exílio. O expediente consistia em levar para a capital do Império as lideranças e quem pudesse articular revoltas independentistas e obrigá-los a habitar um mesmo território, com o objetivo de lhes minar a identidade nacional e formar uma população híbrida, sem rosto.

O exílio, para os israelitas, configurou-se como catástrofe. Perderam tudo quanto possuíam de mais sagrado: a Terra e o Templo. E, como consequência, o Rei. Misturados com outros povos, não tinham como cultivar as tradições dos ancestrais e celebrar a memória do Deus libertador. “Como poderíamos cantar um canto de Iahweh numa terra estrangeira?”, constata o salmista (Sl 137[136],4).

O risco de os israelitas perderem a identidade étnica e religiosa era real. Muitos se adaptaram à nova realidade, inserindo-se, de corpo e alma, na cultura sem rosto de muitos povos, línguas e nações de Babel (cf. Gn 11,1-10). Entretanto, houve quem uniu forças para fazer frente à avalanche desintegradora, buscando luzes para compreender aquele momento duro, à luz da fé e, ao mesmo tempo, encontrar caminhos para enfrentar os desafios. Daí surgiu uma rica literatura, importante para a formação da Bíblia<sup>7</sup>.

Os exilados, instigados por certas lideranças, começaram a cozinhar ideais de retorno e de libertação, para breve. Os “profetas”, no exílio, alimentavam tal esperança. Anunciavam que Yahweh quebraria o jugo babilônico e o rei Joaquin retornaria ao trono. Esperava-se uma volta triunfal dos exilados, com seu rei, para a Cidade Santa (cf. Jr 27,9).

Em Jerusalém, a situação era preocupante. Cabia ao rei imposto pelos babilônios administrar a crise da deportação e dos deportados. Uma pergunta pairava

7. Cf. VITÓRIO, 2005, p. 10-16.

no ar: Quem é Yahweh que não foi capaz de defender seu povo? E, com ela, uma solução teológica simplista: “Os exilados foram expulsos por Deus, portanto, eram culpados, eles receberam o seu merecido, e não mais são povo de Deus; os que restaram constituem a classe baixa e humilde, que não merecia tal castigo e continua vivendo perto do Senhor”<sup>8</sup>.

Sedecias fora colocado no trono por Nabucodonosor. Quem havia para ajudá-lo? As pessoas melhores e qualificadas foram deportadas para a Babilônia. Os que ficaram para servi-lo eram péssimos conselheiros e o rei, incapaz de se impor. Muitos o consideravam um monarca espúrio. O trono pertencia ao rei deportado, Joaquin. Acalentava-se a esperança de sua volta! Um rei sem personalidade, como Sedecias, satisfazia aos interesses babilônicos. A possibilidade de rebeliões independentistas, lideradas por um governante de pulso, poria em risco a segurança do Império, mormente na região vizinha ao Egito, potência decadente, mas preocupante.

Judá carecia de quem o governasse com competência. As facções em conflito geravam insegurança, por faltar quem apontasse um rumo, para enfrentar o grave momento de opressão babilônica. Permitir à facção pró-Egito impor-se seria suicídio. Jr 37,7 refere-se a uma incursão egípcia, no tempo de Sedecias, para socorrê-lo. Assim fala Jeremias ao rei: “Eis que o exército do Faraó que saiu para vos ajudar voltará para a sua terra, o Egito!” Os babilônios chegaram a levantar o cerco a Jerusalém para enfrentar os egípcios (cf. Jr 37,5.11).

A facção pró-Babilônia anunciava a rendição, como condição para a sobrevivência de Judá. Jeremias comungava com ela, ao insistir na submissão aos babilônios, como única saída. A presença do exército egípcio era inútil. O profeta insistia: “Os caldeus voltarão a lutar contra esta cidade, conquistá-la-ão e a incendiarão. Não vos enganeis, dizendo: ‘Certamente os caldeus partirão para longe de nós!’ Eles não partirão! Ainda que derrotásseis todo o exército dos caldeus que vos combate e não restasse senão feridos, eles se levantariam, cada um em sua tenda, para incendiar esta cidade” (Jr 37,8-10). A situação precária de Judá impedia-o de se confrontar com um exército, fortemente, armado, pronto para debelar qualquer tentativa de rebelião<sup>9</sup>.

A inaptidão de Sedecias para governar incapacitava-o para liderar qualquer das facções ou de fazê-las chegar a um acordo. Assim, o povo estava ao deus-dará, entregue à própria sorte. Até que o rei ousou rebelar-se contra os babilônios, com as consequências conhecidas (cf. 2Rs 24,20b; Jr 52,3). A facção pró-Egito impôs-se! E Judá pagou um preço muito alto pelo equívoco.

Qual foi a posição de Jeremias, em relação ao poder babilônico opressor, perceptível nas entrelinhas do livro do profeta?

8. ALONSO SCHÖKEL-SICRE DIAZ, 1988, p. 549.

9. Cf. NAKANOSE, 2006, p. 17-21.

## 2. A palavra profética: submissão ou morte!

A insistência na submissão aos dominadores babilônicos é inequívoca na pregação de Jeremias. Está presente em várias perícopes.

2.1. O episódio narrado em Jr 21,1-10 refere-se à comitiva enviada por Sedecias com um pedido para Jeremias: “Consulta, pois, a Iahweh para nós, porque Nabucodonosor, rei da Babilônia, combate contra nós. Talvez Iahweh repita em nosso favor todos os seus milagres, para que se afaste de nós” (Jr 21,2). A intermediação do profeta poderia oferecer ao rei uma explicação para a desgraça à vista. Uma eventual intervenção de Iahweh tiraria Judá do apuro em que se encontrava, como outrora, no reinado de Ezequias, acossado por Senaquerib, general assírio (cf. Is 37,33-36).

A resposta aterradora do profeta é dada, sem delongas. A mensagem de Iahweh para Sedecias mina, pela raiz, a pretensão do rei: “Eu mesmo combatarei contra vós, com mão estendida e com braço forte, com ira, com furor e com grande indignação. Ferirei os habitantes desta cidade, homens e animais, com uma grande peste, e eles morrerão. Depois disto – oráculo de Iahweh – entregarei Sedecias, rei de Judá, seus servos, o povo e aqueles, nesta cidade, que escaparem da peste, da espada e da fome, nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, nas mãos de seus inimigos e nas mãos daqueles que procuram a sua vida; ele os passará ao fio da espada, não os poupará, não terá pena, não terá compaixão” (Jr 21, 5-7). Portanto, as palavras do profeta dão uma impostação diferente à questão. Quem está em litígio com o rei de Judá, para além de Nabucodonosor, é Iahweh. O rei babilônio é instrumento de castigo nas mãos do Deus de Israel, para punir o povo infiel. Será vão querer esquivar-se do castigo a que Judá e seu rei serão submetidos. A pesada mão de Iahweh se abaterá sobre eles. “Deus mesmo passou-se para os caldeus; entrega-lhes as armas, conduze-os à conquista, nomeia-se o seu general”<sup>10</sup>.

A mensagem do profeta estende-se a todo o povo. Um dilema se lhe apresenta: escolher entre “o caminho da vida e o caminho da morte” (Jr 21,8; cf. Dt 30,15-20). O primeiro consistiria em permanecer na cidade; o segundo exigia “sair e se entregar aos caldeus”, para salvar a própria vida (Jr 21,9). A decisão de Iahweh já estava tomada. “Voltar-me-ei contra esta cidade para sua desgraça, não para sua felicidade – oráculo de Iahweh. Ela será entregue nas mãos do rei da Babilônia e ele a incendiará” (Jr 21,10).

Seria inútil Sedecias contar com a proteção do Deus de Israel, pois o irrevogável desígnio divino de destruição estava traçado. O tempo haveria de confirmá-lo!

10. ALONSO SCHÖKEL-SICRE DIAZ, 1988, p. 532.

2.2. Jr 27–28 comporta um gesto simbólico chocante, de fácil decifração, e um correspondente contragesto. Um grupo de reis dos povos vizinhos de Judá propôs a Sedecias liderar uma rebelião antibabilônica. Os reis de Edom, Moab, Amon, Tiro e Sidônia intentavam formar uma frente para se livrar do opressor. Era o apogeu da estratégia política “filo-egípcia”, ao convocar, em Jerusalém, uma “conferência internacional” antibabilônica<sup>11</sup>. O profeta, então, recebe uma ordem de Iahweh para fazer umas cordas e uma cangalha, colocá-las sobre o pescoço e, depois, enviá-las àqueles reis, “por intermédio dos seus mensageiros que vieram a Jerusalém, junto de Sedecias, rei de Judá” (Jr 27,3). Seriam os encarregados de transmitir a seus senhores as palavras duras de Iahweh, que explicavam o sentido do gesto, apontando para a inexorável submissão à Babilônia. “Eu entreguei todas essas terras nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servidor; eu lhe entreguei, também, todos os animais do campo para servi-lo” (Jr 27,6). O Deus de Israel servia-se do tirano inimigo para punir Israel, chamando-o de “meu servidor”, expressão bem conhecida na tradição israelita, por ser aplicada a Davi, o rei por excelência (cf. 2Sm 7,8; Sl 89[88],21; 78[77],70). Fazer-lhe frente seria ação suicida, pois a sorte de Judá estava selada. A recusa a submeter-se clamaria o severo castigo divino. “A nação ou o reino que se recusar a servir a Nabucodonosor, rei da Babilônia, e não entregar o seu pescoço ao jugo do rei da Babilônia, eu castigarei essa nação pela espada, pela fome e pela peste – oráculo de Iahweh – até que eu a consuma por sua mão” (Jr 27,8). Jeremias denuncia a ação dos profetas, adivinhos, sonhadores, encantadores e mágicos, que inculcavam no povo e na liderança a recusa a servir ao rei da Babilônia. Suas mentiras afastavam-nos, sempre mais, do querer divino (cf. Jr 27,9-10).

A única via de saída seria a submissão ao rei da Babilônia. “Mas a nação que submeter o seu pescoço ao jugo do rei da Babilônia e o servir, eu a farei repousar em seu solo – oráculo de Iahweh – para que o cultive e habite nele” (Jr 27,11). A palavra do profeta destinava-se a todos quantos queriam se aliar a Judá, numa liga anti-Babilônia. A rebelião acarretaria destruição geral.

Palavras idênticas foram dirigidas a Sedecias. “Submetei o vosso pescoço ao jugo do rei da Babilônia; servi a ele e a seu povo, e vivereis. Por que quereis morrer, tu e teu povo, pela espada, pela fome e pela peste, como anunciou Iahweh à nação que não servir ao rei da Babilônia?” (Jr 27,12-13). O profeta identifica a ação maléfica dos falsos profetas, ao anunciarem a insubmissão ao poder opressor. São mentirosos com seus oráculos de salvação, contrários ao pensamento de Deus. Dar-lhes ouvidos é a atitude temerária de quem está a caminho do castigo (cf. Jr 27,14-15).

Os sacerdotes e todo o povo foram exortados a não fazerem caso dos profetas mentirosos. Para captar a benevolência do povo, anunciavam o fim do exílio

11. MELLO, 2007, p. 80.

para breve, na contramão do anúncio de Jeremias: “Não os ouçais! Servi o rei da Babilônia para que possais viver” (Jr 27,16-17). Caso contrário, aos poucos que restaram, estaria reservado o exílio na certa (cf. Jr 27,19-22).

O profeta Hananias desafia Jeremias, proclamando uma mensagem contrária. “Assim disse Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel. Eu quebrei o jugo do rei da Babilônia! Ainda dois anos, e eu farei retornar a este lugar todos os objetos da Casa de Iahweh que Nabucodonosor, rei da Babilônia, carregou daqui para a Babilônia. Também Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, e todos os deportados de Judá que foram para a Babilônia eu farei retornar a este lugar – oráculo de Iahweh – porque eu quebrarei o jugo do rei da Babilônia” (Jr 28,2-4). A palavra de Jeremias foi desautorizada. Hananias declarou-o falso profeta, despreparado para discernir a vontade de Deus na história.

Jeremias dá a volta por cima, ao propor a veracidade das palavras de Hananias à prova do tempo. Este se encarregaria de dar razão ao verdadeiro profeta (cf. Jr 28,5-9). Se o exílio fosse breve, Hananias teria razão. Caso contrário, Jeremias seria o verdadeiro profeta, embora, pregasse algo incômodo aos ouvidos do povo, quando as perspectivas de seu opositor eram alvissareiras.

Um gesto brusco de Hananias reveste-se de dramático simbolismo. Arranca a cangalha do pescoço de Jeremias com uma declaração bombástica, diante de todo o povo: “Assim diz Iahweh. Desta maneira eu quebrarei o jugo de Nabucodonosor, rei da Babilônia, dentro de dois anos, de sobre o pescoço de todas as nações” (Jr 28,11). Jeremias, mais uma vez, sofreu a desfeita de ter suas palavras desacreditadas. E se foi embora, como se não houvesse como replicar o opositor.

Todavia, Deus o fez voltar atrás e o ordenou a dizer a Hananias: “Assim disse Iahweh: Tu quebraste as cangalhas de madeira! Mas colocarás em lugar delas cangalhas de ferro. Porque assim disse Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel: eu colocarei uma cangalha de ferro no pescoço de todas estas nações, para servirem a Nabucodonosor, rei da Babilônia. E o servirão e eu lhe entregarei até mesmo os animais do campo” (Jr 28,13-14). E reservou-lhe um terrível oráculo de condenação, com prenúncio de morte, por se ter revoltado contra o Deus de Israel (cf. Jr 28,15-17).

Submeter-se ao rei da Babilônia e se colocar ao seu serviço foram as ênfases de Jeremias, por ocasião da coalisão antibabilônica e da desautorização do profeta por Hananias, cuja falsidade se mostrava ao falar na contramão de Deus. Jeremias permaneceu impávido e insistiu em sua pregação. À primeira vista, suas palavras podem denotar fatalismo e derrotismo, deixando transparecer uma possível falta de fé no Deus de Israel, cujos gestos salvíficos eram, sobejamente, conhecidos e celebrados. Hananias, nas aparências, despontava como verdadeiro profeta, ao anunciar a derrota da Babilônia e o triunfo do Deus de Israel.

A história deu razão a Jeremias, que soube discernir a realidade com sabedoria e reconhecer que o melhor e mais sensato, naquele momento, consistia em

render-se à Babilônia. O profeta de Anatot tinha uma visão crítica da realidade e reconhecia ser vontade de Deus a submissão e o serviço ao rei babilônico. Por um tempo limitado!

2.3. Jr 29 revela a sensatez do profeta. Trata-se da carta enviada aos exilados na Babilônia, com exortações em vista do futuro, precavendo-os contra a ação dos falsos profetas e suas palavras mentirosas. “Não vos deixeis enganar por vossos profetas que estão no meio de vós, nem por vossos adivinhos, e não escuteis os sonhos que sonhais. Pois eles vos profetizam mentiras em meu Nome. Eu não os enviei, oráculo de Iahweh!” (Jr 29,8-9).

A orientação de Jeremias segue noutra direção. Os exilados são alertados a construir casas e se instalarem na nova terra; plantarem pomares e comerem de seus frutos; casarem-se e gerarem filhos e filhas; darem os filhos e as filhas em casamento. “Multiplicai-vos aí e não diminuais” (Jr 29,5-6). Prospecta-se um exílio bem longo, nada parecido com o exílio breve, anunciado pelos falsos profetas.

Com realismo, o profeta incentiva-os a desejar a paz – *shalom* – para a Babilônia, por uma razão quase óbvia: “... porque a sua paz será a vossa paz” (Jr 29,7). Desejar-lhe o mal corresponderia a invocar a própria desgraça. Quanto melhor fosse a situação da Babilônia, tanto mais os exilados poderiam usufruir um padrão de vida melhor. Afinal, não estavam submetidos a um regime de escravidão e tinham possibilidade de se inserirem na nova realidade. Sem cair na ilusão de idealizar a vida no exílio, pode-se dar razão a Jeremias ao orientar os exilados a começarem vida nova, sem nutrir a esperança de retorno para breve<sup>12</sup>.

Sedecias e o povo que permaneceu na Terra, pelo contrário, são destinatários de palavras duras de Jeremias. “Assim disse Iahweh dos Exércitos: Eis que lhes enviarei a espada, a fome e a peste; e os farei semelhantes a figos podres que não podem ser comidos, de tão ruins que são. Persegui-los-ei pela espada, pela fome e pela peste. Farei deles um objeto de horror para todos os reinos da terra, uma maldição, um objeto de espanto, de escárnio e de vergonha, em todas as nações, onde os dispersei” (Jr 29,16-18; cf. 24,1-10). Portanto, a situação dos deportados, na perspectiva do profeta, era mais segura que a dos não exilados. A volta para a Terra seria indesejável. As oportunidades de crescer na Babilônia seriam trocadas por um futuro incerto de miséria e de morte, na Judá infiel, sob a maldição de seu Deus. A prudência aconselhava permanecer na Babilônia e tocar a vida para frente, com as perspectivas encontradas na terra do cativo.

Dois falsos profetas, Acab e Sedecias, também, estão na mira de Jeremias (cf. Jr 29,21-23). Sua conduta censurável – “Haviam cometido uma infâmia em Israel, adulteraram com as mulheres de seus próximos e falaram mentiras em meu

12. Cf. KILPP, 1988, p. 10.

nome sem que eu tivesse dado ordem” (Jr 29,23) – terá a devida punição – “Eis que os entregarei nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, que os matará diante dos vossos olhos” (Jr 29,21). Dar ouvido a profetas desqualificados, embora falem coisas desejáveis – o fim do exílio para breve –, não se recomenda. O tempo daria razão ao profeta de Anatot.

Outro profeta – Semeías de Naalam – recebeu dura reprovação de Jeremias (cf. Jr 29,24-32). Da Babilônia, enviara uma carta à liderança de Jerusalém, exigindo severas providências contra Jeremias, que escrevera aos exilados, exortando-os: “Será longo (o exílio)! Construí casas e instalai-vos; plantai pomares e comi os seus frutos” (Jr 29,28). A contracarta de Semeías valeu-lhe um terrível oráculo de condenação. “Assim diz Iahweh: Eis que castigarei Semeías de Naalam e a sua descendência. Nenhum deles habitará no meio deste povo e não verá o bem que farei ao meu povo – oráculo de Iahweh – porque pregou a revolta contra Iahweh” (Jr 29,32). Anunciar o desejável fim do exílio, para breve, correspondia a contrariar os planos de Iahweh.

As entrelinhas da carta aos exilados, exceto Jr 29,10-14, em nada falam de Jeremias crítico da Babilônia. Antes, exorta os exilados a implorarem *shalom* para ela, para, também, gozarem de paz e de prosperidade. Será a terra deles, por um longo período. Engana-se quem conta com o exílio de curta duração, proclamado pelos falsos profetas. Entretanto, “isto não é o ‘fim da história’, mas é uma passagem que não é possível evitar: ‘Procurai o bem-estar da cidade para onde vos deportei e orai por ela’ (29,7) é um dever de aceitação da vontade soberana de Deus. Não será a vontade de Deus que as nações estejam perpetuamente sujeitas à Babilônia... mas é sua vontade submeter HOJE os povos à Babilônia”<sup>13</sup>. Existe a probabilidade de Jeremias nutrir esperanças em relação aos exilados, considerando-os uma espécie de reserva espiritual, para o tempo da reconstrução<sup>14</sup>.

2.4. O profeta Jeremias foi enviado por Iahweh a Sedecias, antes de os exércitos babilônios assediarem Jerusalém (cf. Jr 34,1-2a.6-7.21). A mensagem era dura: “Eis que entregarei esta cidade nas mãos do rei da Babilônia e ele a incendiará. E tu não escaparás à sua mão, mas serás capturado e entregue em suas mãos. Os teus olhos verão os olhos do rei da Babilônia e sua boca falará à tua boca; tu irás para a Babilônia... Não morrerás pela espada, é em paz que morrerás...” (Jr 34,2b).

Talvez tenha sido a última chance de o rei salvar a cidade, submetendo-se aos babilônios, renunciando a resistir-lhes. A inaptidão para liderar, mais uma vez, tornou-se patente. Neste ínterim, foi promovida uma libertação geral de hebreus

13. PIXLEY, 2000, p. 114-115.

14. Cf. MINCATO, 1996, p. 37-47.

e hebreias escravizados, quiçá para reforçarem o efetivo militar de Judá, carente de homens para enfrentar o exército inimigo. Como os babilônios não atacaram, imediatamente, Jerusalém, tendo começado por subjugar as cidades fortificadas de Judá, situadas na fronteira com o Egito, os escravagistas pensaram ter passado o perigo e restabeleceram a escravidão dos que foram libertados (cf. Jr 34,8-11).

Jeremias irritou-se, tremendamente, e pronunciou terríveis oráculos de condenação contra os escravagistas, os chefes, o pessoal da corte, os sacerdotes e todo o “povo da terra” (cf. Jr 34,12-20). Sedecias foi visado, de maneira especial. “Entregarei Sedecias, rei de Judá, e seus príncipes nas mãos de seus inimigos, nas mãos dos que procuraram a sua vida, e nas mãos do exército do rei da Babilônia, que acaba de afastar-se para longe de vós” (Jr 34,21). O futuro de Jerusalém prospectava-se aterrador. “Eis que darei uma ordem – oráculo de Iahweh – e os trarei (os babilônios) a esta cidade para que a ataquem, a tomem e a incendeiem. E farei das cidades de Judá lugar desolado, em que ninguém habite” (Jr 34,22). Oráculo semelhante fora proclamado por ocasião do incidente com o sacerdote Fassur (cf. Jr 20,4-6).

2.5. Um encontro secreto do inseguro rei Sedecias com o profeta Jeremias aprisionado permite-lhe reafirmar a necessária submissão ao rei da Babilônia, como única possibilidade de sobrevivência de Judá (cf. Jr 37,17-21). O rei manda trazer, secretamente, o profeta ao palácio e o trata como aos profetas áulicos, encarregados de transmitir ao rei os oráculos de Iahweh. Jeremias aproveita para lhe dizer, com franqueza: “Entre as mãos do rei da Babilônia serás entregue” (Jr 37,17). Esta era a palavra de Iahweh para o rei. Os falsos profetas são denunciados, num momento em que o exército babilônico está às portas. O profeta indaga ao rei: “Onde estão os vossos profetas que vos anunciavam: ‘O rei da Babilônia não virá contra vós nem contra esta terra?’” (Jr 37,19).

O futuro de Judá estava nas mãos do rei. Se escutasse Jeremias e se submetesse aos babilônios, haveria possibilidade de escapar da destruição. Pelo contrário, ao dar ouvido aos falsos profetas, estaria num beco sem saída, com a previsível destruição. “Mas, fica uma dúvida: a postura de Jeremias se compreende como uma posição de realismo político ante os acontecimentos presentes, onde há poucas chances de sobreviver em oposição à Babilônia ou ela brota de convicções religiosas? Levando em consideração que o livro de Jeremias é um livro sobre a soberania de Deus no mundo, sem dúvida podemos postular a segunda alternativa como a mais adequada”<sup>15</sup>. Diferentemente dos áulicos, o profeta está longe de querer agradar o monarca. Interessa-lhe, apenas, a fidelidade ao Deus que o enviou a profetizar a seu povo, Israel.

Jr 37,2 resume a rejeição geral das palavras do profeta. “Nem ele (o rei), nem seus servos, nem o povo da terra escutaram as palavras que Iahweh pronun-

15. GUTIÉRREZ, 2006, p. 32; cf. PIXLEY, 2000, p. 111.

ciou por intermédio do profeta Jeremias<sup>16</sup>. O futuro prospectava-se, pois, carregado de maus augúrios.

2.6. Num derradeiro encontro com o rei Sedecias, Jeremias insiste na submissão à Babilônia como possibilidade de salvação, embora, a situação seja irremediável<sup>16</sup>. O encontro se dá na terceira entrada do Templo, quando o profeta estava jurado de morte por quem rejeitava sua pregação. Uma vez mais, Jeremias tem a função de profeta áulico, conselheiro do rei. Sua mensagem é inequívoca: “Assim disse Iahweh, o Deus dos Exércitos, o Deus de Israel. Se, realmente, te entregares aos oficiais do rei da Babilônia, salvarás a tua vida e esta cidade não será incendiada. Tu e tua família sobreviveréis. Mas se não te entregares aos príncipes do rei da Babilônia, esta cidade será entregue às mãos dos caldeus, que a incendiarão. Quanto a ti, não escaparás de suas mãos” (Jr 38,17-18; cf. 34,1-7).

“Ao ler e interpretar Jeremias 38,14-28 fica uma suspeita de que o profeta foi um traidor, que trocou a sua condição de chamado por Javé pela sua segurança pessoal. Se não bastasse isso, Jerias, um chefe da guarda e filho de Hananias, acusa Jeremias de entreguista (37,13)”<sup>17</sup>. Todavia, o profeta teria três razões para capitanear a facção pró-Babilônia: a manutenção da produtividade da terra; a manutenção da integridade física dos exilados na Babilônia e a memória dos fatos fundantes da fé<sup>18</sup>.

A situação de Judá, na percepção do profeta, é dilemática: submeter-se à Babilônia ou ser destruída. Prescindindo da abordagem conjunta da posição do profeta, pode-se pensar que as dimensões grandiosas do poderio militar babilônico o impactassem, ao ponto de fazê-lo pensar na submissão, como único caminho de sobrevivência de Judá e de seu rei. Entretanto, suas convicções eram bem outras.

### 3. Um profeta impávido: o preço de contradizer os falsos profetas

A posição firme de Jeremias, no tocante ao se submeter à hegemonia babilônica, como saída para a crise, valeu-lhe a pecha de colaboracionista, com sérias consequências.

3.1. Durante o cerco babilônico a Jerusalém, aconteceu uma trégua, quando o exército de Nabucodonosor viu-se na contingência de repelir o exército do faraó, vindo em defesa dos judaitas (cf. Jr 37,11-16). Nesse ínterim, o profeta dirigiu-se ao território de Benjamim, sua terra natal, para “receber uma herança

16. Cf. Jr 38,14-28; HAHN-KONZEN, 2005, p. 102-107.

17. SIQUEIRA, 2006, p. 51.

18. Cf. SIQUEIRA, 2006, p. 51-52.

no meio do povo”. Certo chefe da guarda, Jerias, ao vê-lo cruzar a porta de Benjamim, lançou-lhe uma comprometedoras acusação: “Tu passas para os caldeus!” (Jr 37,13). Considerava o profeta um fugitivo da cidade sitiada, bandeando-se para os babilônios, a fim de gozar a benevolência deles e, desta forma, se salvar. A suspeita justificava-se pela insistência do profeta na submissão aos babilônios, proclamada sem meias palavras.

O realismo do profeta foi tido na conta de colaboracionismo e entreguismo. Sua autodefesa – “É falso! Eu não passo para os caldeus!” (Jr 37,14a) – encontrou ouvidos moucos. A questão da herança em Anatot e o simbolismo do seu resgate pouco interessavam aos acusadores. “Sem ouvi-lo, Jerias prendeu Jeremias e o levou aos príncipes” (Jr 37,14b). Foi o começo de um longo calvário!

Sem direito a julgamento e a defesa, o profeta recebeu severa punição. “Os príncipes se irritaram contra Jeremias, bateram nele e o aprisionaram na casa do escriba Jônatas, que tinham transformado em prisão. Assim Jeremias entrou num calabouço abobadado e ali permaneceu por muito tempo” (Jr 37,15-16). “A reação dos ‘chefes’ é de extrema violência contra o profeta (v. 15). Eles ‘golpearam’, isto é, bateram para que Jeremias ou morresse ou ficasse muito ferido. Não se trata apenas de uma punição ou de um açoitamento. O verbo ‘golpear’, ainda mais no *hifil* hebraico, reforça a intensidade brutal da ação”<sup>19</sup>. O profeta confinado, no entender dos capturadores, estaria impedido de continuar a “fazer mal” ao povo, com sua pregação pró-Babilônia.

Embora punido, o profeta manteve-se firme em sua posição. Nenhuma palavra foi tirada de sua pregação. A salvação de Judá estava na submissão à Babilônia! O motor de suas palavras, porém, era a fé inabalável em Iahweh. Estava descartado qualquer traço de admiração ou reverência ao poder opressor.

3.2. O profeta punido em nada mudou seu ponto de vista. Quando consultado pelo rei Sedecias, a quem disse, com todas as letras, o que Iahweh o encarregou de proclamar, pediu clemência ao monarca: “Não me faças voltar para a casa do escriba Jônatas, para que eu não morra ali” (Jr 37,20). O rei acolheu-lhe o pedido e “ordenou que custodiassem Jeremias no pátio da guarda e, cada dia, lhe dessem uma broa de pão, vinda da rua dos padeiros, até que não houvesse mais pão na cidade. E Jeremias permaneceu no pátio da guarda” (Jr 37,21). É o começo de novas peripécias.

A presença de Jeremias entre os soldados, em preparativos para a guerra, causou pânico nos líderes do povo. De onde estava detido, o profeta dizia, abertamente: “Assim diz Iahweh. Quem permanecer nesta cidade morrerá pela espada,

19. BAPTISTA, 2006, p. 23.

pela fome e pela peste; quem, porém, se entregar aos caldeus, viverá e terá a sua vida como despojo: ele viverá! Assim diz Iahweh: Esta cidade, certamente, será entregue às mãos do exército do rei da Babilônia, que a tomará!” (Jr 38,2-3). A desmotivação da tropa judaíta era inevitável: “De que adianta tanto esforço, se nossa sorte está selada! Que fazemos aqui, se vamos morrer nas mãos dos caldeus? Estamos em condições de enfrentar o exército inimigo, com possibilidade de vitória, com nossos precários recursos?” Quem, em sã consciência, haveria de nutrir esperanças, confrontado com tais interrogações e se vendo cercado por um exército fortemente armado?

O risco de debandada dos soldados de Judá, ao ouvir as palavras de Jeremias, era muito provável. Daí a necessidade de eliminar essa voz e essa presença incômodas. Então, os líderes sugeriram a Sedecias: “Que este homem seja condenado à morte! Na verdade, desencoraja os guerreiros que permaneceram nesta cidade, e todo o povo, fazendo-lhes semelhantes propostas. Sim, este homem não busca, em absoluto, a paz para este povo, mas a sua desgraça” (Jr 38,4). Jeremias, no incidente sobre o destino do Templo de Jerusalém, já havia sido ameaçado de morte. “Os sacerdotes e os profetas disseram, então, aos príncipes e a todo o povo: ‘Este homem merece a morte, porque profetizou contra esta cidade como ouvistes com os vossos ouvidos’” (Jr 26,11). Por outro lado, o temor de Sedecias, expresso em Jr 38,19, retrata a situação aludida em Jr 38,4: “Tenho medo dos judeus que passaram para o lado dos caldeus. Poderiam entregar-me nas mãos deles e eles me maltratariam” (cf. Jr 40,11-12; 43,4-7). Bandear-se para o agressor era, sem dúvida, uma forma segura de sobreviver. “Jeremias respondeu: ‘Não te entregarão!’ Escuta a voz de Iahweh, conforme eu te falei, e então estarás bem e salvarás a tua vida” (Jr 38,20). A recusa teria como resultado o exílio e a destruição (cf. Jr 38,21-23).

Sedecias estava desmoralizado e sem poder de liderança. Por isto, a sorte de Jeremias foi entregue nas mãos de seus acusadores. “O rei Sedecias disse: ‘Ei-lo em vossas mãos, pois o rei não tem nenhum poder diante de vós’” (Jr 38,5). A situação era incontrolável<sup>20</sup>. Quando Judá mais necessitava de quem o governasse, com pulso firme, o rei dava mostra de total inaptidão para conduzi-lo. As palavras de Jeremias crescem, pois, em plausibilidade. Os babilônios poderão tomar a cidade de assalto, sem qualquer resistência.

A punição de Jeremias foi inclemente. Agarraram-no e o lançaram numa cisterna, no pátio da guarda, descendo-o por meio de cordas. “Nesta cisterna não havia água, mas lodo, e Jeremias atolou-se no lodo” (Jr 38,6). O fim do profeta parecia se aproximar! Quem haveria de se preocupar com ele, numa cidade sitiada, a ponto de ser tomada pelo exército babilônio?

20. Cf. KAEFER, 2006, p. 37.

Como em outras ocasiões (cf. Jr 26,24), surge alguém para protegê-lo: “Ebed-Melec, o cuchita, um eunuco ligado ao palácio real” (Jr 38,7)<sup>21</sup>. Esse estrangeiro, dando-lhe razão – seria do grupo de Jeremias? –, intercede por ele ao rei: “Meu senhor e rei, estes homens agiram mal tratando assim o profeta Jeremias. Atiraram-no na cisterna. Ali morrerá de fome, pois não há mais pão na cidade” (Jr 38,9). O rei acolhe a intercessão de Ebed-Melec e lhe dá permissão para retirar o profeta da cisterna lodacenta. Por meio de cordas, feitas com panos velhos e rasgados, o profeta é suspenso e recolocado no pátio da guarda (cf. Jr 38,10-13). E tem a vida salva<sup>22</sup>.

“A resistência liderada pelo profeta Jeremias não teve um final feliz. Sua proposta de rendição não foi alcançada. Além do mais, a tentativa de salvar a população de um fim dramático trouxe para Jeremias consequências terríveis”<sup>23</sup>. Nada disso o demoveu da missão de anunciar a palavra de Iahweh a um povo, cuja liderança rebelde preferia escutar os falsos profetas, anunciadores de salvação facilitada, e se fechar a quem anunciava um caminho duro da submissão, mas com perspectivas de futuro e de esperança (cf. Jr 29,10-11).

#### **4. A benevolência babilônica com o profeta, na Jerusalém destruída**

A bondade do rei babilônio e a dos oficiais do seu exército, em relação a Jeremias, podem ser consideradas indícios de tê-lo na conta de colaboracionista. Os maltratos sofridos nas mãos dos irmãos de raça e de fé foram compensados pelo trato indulgente dos inimigos do povo. Situação contraditória!

4.1. Uma pequena perícopé – Jr 39,11-14 – descreve o tratamento benévolo de Jeremias por parte dos oficiais babilônicos. O comandante da guarda, Nabuzardã, recebeu uma ordem expressa de Nabucodonosor, a respeito de Jeremias: “Trata-o e vigia-o. Não lhe faças mal algum, mas trata-o como ele te pedir” (Jr 39,12). A ordem se estendia a outros dignitários e oficiais do rei da Babilônia (cf. Jr 39,13). Portanto, o profeta estaria livre do duro tratamento a ser infligido a quem seria levado para o exílio<sup>24</sup>.

De fato, “mandaram retirar Jeremias do pátio da guarda e confiaram-no a Godolias, filho de Aicam, filho de Safã, para conduzi-lo a casa, e Jeremias permaneceu no meio do povo” (Jr 39,14). Esta cena encaixa-se com Jr 38,28, onde se diz que o profeta, após a segunda conversa com o rei, permaneceu no pátio da guarda, até a tomada de Jerusalém. Por outro lado, a preferência por estar com

21. Cf. SUAIDEN, 2006, p. 39-43.

22. Cf. MENA LÓPEZ, 2002, p. 42-54.

23. KAEFER, 2006, p. 38.

24. Cf. PETERLEVITZ, 2006, p. 57-61.

Godolias, administrador das ruínas de Judá, evoca a excelente relação do profeta com a família de Safã, secretário do rei Josias (cf. 2Rs 22,3-10), promotor da reforma promovida por esse rei e protetor de Jeremias. Com Godolias, o profeta estaria em casa!

4.2. Jr 40,1-6 tem uma versão diferente para o fato. O oficial babilônico tê-lo-ia enviado “de volta de Ramá, de onde o tinha retirado quando estava acorrentado no meio dos cativos de Judá e de Jerusalém, que estavam sendo deportados para a Babilônia” (Jr 40,1). O profeta sofrera a mesma sorte de seus conterrâneos e estava a caminho do exílio, acorrentado. Ao ser identificado, foi mandado de volta para Jerusalém. “Tal como o texto se apresenta, parece mais verossímil esta segunda versão: os subordinados acorrentam o profeta com outros cativos, com destino à Babilônia; no caminho interveio o general babilônio, para cumprir ordens precisas”<sup>25</sup>.

O oficial babilônico, então, lhe pede uma decisão. “E agora, eis que eu te liberto, hoje, dos grilhões que tens em tuas mãos. Se te parece bom vir comigo para a Babilônia, vem e eu terei os meus olhos sobre ti. Se não te parece bom vir comigo para a Babilônia deixa. Vê: tens diante de ti toda a terra, vai para onde te parecer bom e justo ir... Podes voltar para junto de Godolias, filho de Aicam, filho de Safã, que o rei da Babilônia nomeou governador das cidades de Judá, e ficar com ele no meio do povo, ou então podes ir para qualquer lugar que te pareça bom” (Jr 40,4-5). E lhe ofereceu víveres e presentes, deixando-o ir-se para onde lhe parecesse melhor. “Foi então para Masfa, onde estava Godolias, filho de Aicam, e permaneceu com ele, entre o povo que ficara na terra” (Jr 40,6)<sup>26</sup>.

As distintas informações desembocam no mesmo ponto: Jeremias escolhe ficar no meio do povo e colaborar com Godolias no processo de reconstrução do Judá arruinado. Ir para a Babilônia e gozar das benesses oferecidas por Nabucodonosor estão fora de seus planos. A fidelidade a Iahweh e o amor à Terra exigem-no permanecer “no meio do povo”. Nada de se deixar fascinar pela Babilônia e sua grandeza<sup>27</sup>.

## 5. O poder hegemônico da Babilônia sob o olhar crítico do profeta

A insistência na submissão à Babilônia, de forma alguma, significava encantamento do profeta com a grandeza do Império hegemônico, tampouco medo. A visão da fé levava-o a prospectar o trágico fim de quem, no momento, se tornara carrasco de Israel. Nas muitas voltas da história, chegaria, também, o fim para

25. ALONSO SCHÖKEL-SICRE DIAZ, 1988, p. 622.

26. Cf. SILVA, 2006, p. 62-65.

27. Cf. RUIZ, 1981, p. 369.

a Babilônia. Portanto, “estando persuadido da necessidade histórica da submissão aos babilônios, a consciência de Jeremias não é menos lúcida quanto aos limites estabelecidos por Deus a respeito desta potência terrena”<sup>28</sup>. Uma série de oráculos aponta nessa direção.

5.1. Jr 50,1–51,58 comporta uma longa sucessão de oráculos contra a Babilônia – “Palavra que Iahweh falou contra a Babilônia, contra a terra dos caldeus, por intermédio do profeta Jeremias” (Jr 50,1). São os capítulos finais do livro, onde se condensa o pensamento do profeta a respeito do poder hegemônico, cujo peso se fez sentir com a destruição de Jerusalém e do Templo, e a consequente deportação do rei e de parte da população. Nabucodonosor, chamado de “meu servidor” (cf. Jr 25,9; 27,6; 43,10), instrumento nas mãos de Iahweh para a punição de Judá, haveria de experimentar a mão punidora do Deus de Israel.

Uma sucessão de declarações contundentes anuncia o fim de um Império que, num determinado momento, serviu aos desígnios de Iahweh. “Babilônia foi tomada, Bel envergonhado, Merodac arrasado. Seus ídolos estão envergonhados, suas imagens arrasadas. Porque subiu contra ela uma nação do Norte que fará de sua terra uma desolação; e nela não haverá mais habitante, homens e animais fugiram, foram embora” (Jr 50,2-3). “Eis que suscitarei e farei subir contra Babilônia um grupo de grandes nações; da região Norte elas se postarão em ordem de combate contra ela; por lá ela será tomada; suas flechas são como as de guerreiro hábil, que jamais volta de mãos vazias. A Caldeia será entregue ao saque, todos os que a pilharem serão saciados – oráculo de Iahweh” (Jr 50,9-10). “Quem passar pela Babilônia se espantará e assobiará diante de todas as suas feridas” (Jr 50,13). “Ponde-vos em ordem de combate em redor contra a Babilônia, vós todos que manejaís o arco! Atirai contra ela, não poupeis as flechas, porque ela pecou contra Iahweh. Gritai contra ela de todos os lados! Ela estendeu sua mão, seus baluartes caíram, suas muralhas foram destruídas. Porque esta é a vingança de Iahweh! Vingai-vos dela! Fazei-lhe o que ela fez!” (Jr 50,14-15). “Assim disse Iahweh dos Exércitos, o Deus de Israel: Eis que castigarei o rei da Babilônia e a sua terra, como castiguei o rei da Assíria” (Jr 50,18). “Como se tornou Babilônia objeto de espanto entre as nações? Coloquei-te uma armadilha e foste presa, Babilônia, mas tu não percebeste. Tu foste surpreendida e dominada, porque te insurgiste contra Iahweh” (Jr 50,23-24). “Convocai arqueiros contra a Babilônia, todos os que manejam o arco! Acampai em redor contra ela, que ninguém escape! Tratai-a conforme as suas obras, tudo o que ela fez, fazei-lhe. Porque ela foi arrogante contra Iahweh, contra o Santo de Israel. Por isso tombarão os seus jovens em suas praças e todos os seus guerreiros serão destruídos, naquele dia – oráculo de Iahweh” (Jr 50,29-30). “Eis-me aqui contra ti, ‘Arrogância’ – oráculo do Senhor Iahweh dos Exércitos –, porque teu dia chegou, o tempo do teu castigo. ‘Arrogância’ tropeçará e cairá, e ninguém a levantará; incendiarei as suas cidades, e o fogo

28. MELLO, 2007, p. 124.

devorará todos os seus arredores” (Jr 50,31-32). “Espada contra os caldeus – oráculo de Iahweh – contra os habitantes da Babilônia, contra os seus príncipes e os seus sábios. Espada contra os seus adivinhos: que eles se tornem insensatos! Espada contra seus heróis: que eles sejam aterrorizados! Espada contra seus cavalos e seus carros, e contra todo o amontoado de gente que nela está; sejam como mulheres! Espada contra seus tesouros: que sejam saqueados! Aridez sobre suas águas: que elas sequem!... Ela não será nunca mais habitada, e de geração em geração não será mais povoada” (Jr 50,35-39). “Escutai o desígnio que Iahweh formou contra a Babilônia, e o plano que ele montou contra a terra dos caldeus: Em verdade eles serão arrastados como os mais pequenos do rebanho! Em verdade serão devastadas diante deles as suas pastagens! Ao ruído da tomada da Babilônia, tremerá a terra e um grito será ouvido entre as nações” (Jr 50,45-46).

Jr 51 dá sequência à série de anúncios de castigo contra a Babilônia. “Assim disse Iahweh: Eis que suscitarei contra a Babilônia e contra os habitantes de Le-b-Camai vento destruidor. Enviarei à Babilônia joeiradores para joeirá-la. Eles assolarão a sua terra, porque surgirão contra ela de todos os lados, no dia da desgraça” (Jr 51,1-2). “De repente caiu Babilônia e se quebrou: gemei sobre ela! Tomai bálsamo para a sua dor, talvez ela seja curada! – ‘Nós queríamos curar Babilônia, mas ela não foi curada’” (Jr 51,8-9). “Iahweh suscitou o espírito dos reis dos medos, porque contra a Babilônia é o seu plano de destruí-la: Sim, esta é a vingança de Iahweh, a vingança de seu Templo... Iahweh não só planeja, mas também executa tudo o que disse contra os habitantes da Babilônia” (Jr 51,11.12). “Retribuirei à Babilônia e a todos os habitantes da Caldeia todo o mal que eles fizeram em Sião, diante dos vossos olhos – oráculo de Iahweh” (Jr 51,24). “A terra tremeu e se agitou, quando se realizou contra Babilônia o plano de Iahweh de transformar a Babilônia em desolação, sem habitantes” (Jr 51,29). “Assim disse Iahweh dos Exércitos, o Deus de Israel: A filha da Babilônia é como eira, no tempo em que se pisa nela: ainda um pouco, e chegará para ela o tempo da colheita” (Jr 51,33). “‘Caia sobre os habitantes da Caldeia o meu sangue!’”, diz Jerusalém... Babilônia se tornará monte de pedras, um refúgio de chacais, um objeto de espanto e de zombaria, sem habitantes” (Jr 51,35.37). “Como se tornou a Babilônia um lugar desolado, entre as nações?... Suas cidades se tornaram lugar desolado, terra seca, estepe, terra onde ninguém habita e onde não passa mais o filho do homem” (Jr 51,41.43). “Babilônia deve cair, ó traspassados de Israel, da mesma maneira que pela Babilônia caíram os traspassados de toda terra” (Jr 51,49). “Ainda que a Babilônia suba até os céus, ainda que ela torne inacessível a altura de sua cidadela, ao meu comando virão a ela os devastadores – oráculo de Iahweh... Porque veio contra ela, contra a Babilônia, um devastador, seus heróis foram feitos prisioneiros, seus arcos foram quebrados. Sim, Iahweh é o Deus das represálias. Ele, certamente, retribuirá” (Jr 51,53.56). “Assim disse Iahweh dos Exércitos: a larga muralha da Babilônia será completamente arrasada e atearão fogo em suas altas portas. Assim, em vão, penam os povos e as nações se cansam para o fogo” (Jr 51,58).

A ira de Iahweh se voltará contra a Babilônia com o mesmo furor com que o opressor investiu contra Jerusalém, para devastá-la. O opressor será oprimido! O devastador será devastado! O poder hegemônico será dobrado! Se, num contexto preciso, Judá – seu rei e seu povo – viu-se pressionado a se submeter aos babilônios, o futuro despontava sombrio para a nação opressora. “Passados os setenta anos, visitarei o rei da Babilônia e esta nação – oráculo de Iahweh – por causa de seus crimes, bem como a terra dos caldeus, e farei dela uma desolação eterna. Farei vir sobre esta terra todas as minhas palavras que disse contra ela, tudo que está escrito neste livro” (Jr 25,12-13). Os dias do Império estavam contados! Seria ingênuo considerá-lo eterno! Todos os Impérios desse mundo, embora poderosos e temíveis, um dia, são riscados da história.

5.2. Jr 51,59-64 é a perícopé conclusiva do texto jeremiano. Contém um gesto simbólico, alusivo ao destino da Babilônia. Jeremias aproveitou a viagem de Sedecias à Babilônia, por volta de 593 aC, quarto ano de seu reinado, a fim de se avistar com Nabucodonosor, para enviar um bilhete aos exilados. Continha “toda desgraça que deveria sobrevir à Babilônia” (Jr 51,60). O portador da mensagem recebeu do profeta a incumbência de ler-lhe o conteúdo – “Iahweh, tu mesmo disseste a respeito deste lugar que ele seria destruído, de sorte que não ficasse nele habitante, nem homem, nem animal, porque devia tornar-se uma desolação perpétua” (Jr 51,62) – e, em seguida, atar o bilhete numa pedra e lançá-lo no meio do rio Eufrates, pronunciando uma maldição contra a Babilônia – “Assim afunde Babilônia e não se levante mais, por causa da desgraça que eu fiz cair sobre ela” (Jr 51,63-64).

Este gesto simbólico altamente expressivo conclui o livro de Jeremias. “Até aqui as palavras de Jeremias” (Jr 51,64). Consiste na denúncia da efemeridade do poderio babilônico. A violência cometida contra Judá, com seu rastro de dor e de destruição, teria a devida paga. O fim chegaria na certa!

## 6. A esperança do futuro: a chance de recomeçar

As duras palavras de condenação de Jeremias são entremeadas de palavras de salvação. O olhar profético supera as agruras do presente e se prospecta como esperança<sup>29</sup>. “Em grande parte este é o coração da mensagem do livro (de Jeremias): conseguir integrar a experiência da desgraça e desalento com a de graça e alento divinos mais fortes que ambas”<sup>30</sup>. A catástrofe promovida pelos babilônios será, apenas, uma pequena porção do largo percurso da relação de Iahweh com seu povo. Quem souber dar tempo ao tempo e cultivar a virtude da paciência, haverá de ver a ação salvadora de Deus acontecendo em favor de seu povo.

29. Cf. VITÓRIO, 2002, p. 538-557.

30. FRADES, 2011, p. 120; cf. p. 141-144.

6.1. Jr 30-31 congrega pequenos oráculos de salvação, nos quais o profeta contempla, com positividade, o futuro do povo. Independentemente do tempo em que foram compostos, lidos na perspectiva da opressão do povo, vitimado pelo exílio babilônico, serviam para suscitar esperança e incentivar a fé, na certeza de gozar da proteção de Iahweh. A ordem de colocar por escrito as palavras do Deus de Israel – “Escreve para ti num livro todas as palavras que te dirigi” (Jr 30,2) – tem a finalidade de perpetuar as promessas de Iahweh, impedindo-as de cair no esquecimento. Elas serão, inexoravelmente, cumpridas (cf. Is 40,8).

Uma solene declaração abre o conjunto dos oráculos: “Eis que virão dias – oráculo de Iahweh – em que trarei de volta os cativos do meu povo Israel (e Judá), disse Iahweh, e os farei regressar à terra que dei a seus pais, e tomarão posse dela. Estas são as palavras que Iahweh disse a Israel (e a Judá)” (Jr 30,3-4). A evidente glosa “e Judá” corresponde a uma leitura atualizadora das palavras do profeta, provavelmente, proclamadas no pré-exílio, no contexto da reforma de Josias. As esperanças do passado mantêm a validade no presente. O tempo de angústia se transformará em tempo de salvação (cf. Jr 30,7). “Neste dia – oráculo de Iahweh dos Exércitos – quebrarei a canga que pesa sobre o teu pescoço e romperei as tuas cadeias. Então os estrangeiros não mais te dominarão, mas Israel e Judá servirão a Iahweh, seu Deus, e a Davi, o rei que suscitarei para eles” (Jr 30,8-9). A destruição do opressor é certa. “Destruirei todas as nações em que os dispersei” (Jr 30,11). “Todos os que te devoraram serão devorados. Todos os teus adversários irão para o cativo. Os que te despojavam serão despojados. E todos os que te saqueavam serão saqueados” (Jr 30,16). O futuro do opressor é aterrador! A destruição infligida aos povos dominados recairá sobre ele. A Babilônia, portanto, tem os dias contados! A sorte de Judá é bem diferente. “Deles sairá a ação de graças e gritos de alegria. Multiplicá-los-ei: não diminuirão mais. Glorificá-los-ei: não mais serão humilhados. Seus filhos serão como outrora. Sua assembleia será estável diante de mim. Castigarei a todos os seus opressores” (Jr 30,19-20). A aliança de Iahweh com o povo de sua eleição será refeita. “Sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus” (Jr 30,22; cf. Jr 7,23). “Naquele tempo – oráculo de Iahweh – serei o Deus de todas as famílias de Israel, e elas serão o meu povo” (Jr 31,1). “Eis que dias virão – oráculo de Iahweh – em que concluirei com a casa de Israel (e com a casa de Judá) uma aliança nova... Porei minha lei no fundo do seu ser e a escreverei em seu coração. Então serei seu Deus e eles serão meu povo” (Jr 31,31-33). Uma coisa é certa: “Há esperança para o teu futuro: – oráculo de Iahweh – teus filhos voltarão para o seu território” (Jr 31,17). Apesar dos pesares, o otimismo se recomenda. “Eis que dias virão – oráculo de Iahweh – em que sementearei a casa de Israel e a casa de Judá com uma semente de homens e sementes de animais. E assim como velei sobre eles para arrancar, para arrasar, para demolir, para exterminar e para afligir, assim também velarei sobre eles para construir e para plantar, oráculo de Iahweh” (Jr 31,27-28; cf. 1,10; 45,4). A Jerusalém arrasada terá um futuro promissor. “Eis que virão dias – oráculo de Iahweh – em que a cidade será reconstruída para Iahweh... E nunca mais será arrasada ou demolida” (Jr 31,38-40).

6.2. Num momento tensíssimo, Jeremias toma uma decisão, de inegável valor simbólico. A narração de Jr 32 situa-se “no décimo ano de Sedecias”, quando “o exército do rei da Babilônia cercava, então, Jerusalém, e o profeta Jeremias encontrava-se preso no pátio da guarda, no palácio do rei de Judá” (Jr 32,1-2). O rei determinara-lhe a prisão, por suas palavras de péssimo presságio para o monarca e a cidade. E diz ao profeta: “Por que profetizas nestes termos: Assim disse Iahweh: Eis que entregarei esta cidade nas mãos do rei da Babilônia para que a conquiste. Sedecias, rei de Judá, não escapará ao poder dos caldeus, mas certamente será entregue nas mãos do rei da Babilônia, e ele lhe falará face a face e seus olhos verão os seus olhos. Ele levará Sedecias para a Babilônia, e ali permanecerá, até que eu o visite, oráculo de Iahweh. Se combaterdes os caldeus, não tereis êxito” (Jr 32,4-5). O rei repete, com precisão, as palavras do profeta, sinal de tê-las entendido bem.

Um primo de Jeremias, Hanameel, de Anatot, procura-o e lhe propõe exercer o direito de resgate de um campo, de sua propriedade (cf. Jr 32,6-8). O profeta não hesita em comprá-lo, embora a situação fosse extremamente desfavorável. “Assim disse Iahweh: Eis que entregarei esta cidade nas mãos dos caldeus e nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, que a tomará. Os caldeus que combatem contra esta cidade entrarão e a incendiarão. Eles a queimarão juntamente com as casas...” (Jr 32,28-29). Uma loucura investir em tempo de guerra, com destruição à vista e futuro imprevisível! Reconhecendo ser ordem peremptória de Iahweh – “E tu, Senhor Iahweh, me disseste: ‘Compra para ti o campo ao preço de prata e toma testemunhas’, agora que a cidade foi entregue às mãos dos caldeus” (Jr 32,25) –, obedece-a sem pestanejar. Os trâmites da transação são descritos, com minúcias, como expressão da consciência e da determinação com as quais o profeta tomava a decisão irrevogável. Arrepende-se e voltar atrás seria impossível!

Seu coração cultivava uma certeza e uma esperança inabaláveis. Se, por um tempo limitado, a Babilônia impõe-se como poder destruidor, os exilados e o povo remanescente na terra têm motivos para nutrir esperanças no coração. Jeremias dá ao secretário Baruc uma ordem, que se torna, também, gesto simbólico. “Toma esses documentos, esse contrato de compra, o exemplar selado e a cópia aberta, e coloca-os num vaso de argila para que se conservem por muito tempo”. Esses documentos seriam a prova da veracidade da palavra do profeta, quando a história lhe desse razão. Sua palavra estava sendo empenhada: “Porque assim disse Iahweh dos Exércitos, o Deus de Israel: Ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra” (Jr 32,14-15). Por conseguinte, o resgate de uma propriedade familiar, em termos futuros, mostrava-se ser atitude sensata, embora, considerando o presente, tivesse todos os componentes de aberta insensatez. A fé levava o profeta a alargar a mirada, sem se deixar impressionar pela arrogância dos babilônios e pela infidelidade da liderança do povo. Uma coisa era-lhe certa: para Iahweh “nada é impossível” (Jr 32,17).

A promessa de Iahweh ao seu povo estava bem arraigada no coração de Jeremias. “Eu os trarei de volta a este lugar e os farei habitar em segurança... Terei minha alegria em fazer-lhes o bem e os plantarei de verdade, nesta terra, de todo o meu coração e de toda a minha alma... Ainda se comprarão campos nesta terra, da qual dizes: ‘É um ermo, sem homens nem animais, foi entregue às mãos dos caldeus’. Comprarão campos a preço de prata, redigirão um contrato, selá-lo-ão e tomarão testemunhas... Porque eu trarei de volta seus cativos – oráculo de Iahweh” (Jr 32,38-44; cf. Jr 31,23-26; 33,6-13). A decisão de Jeremias antecipa o futuro. Quem lhe der ouvido, na contramão dos falsos profetas, terá a alegria da salvação.

6.3. Duas singelas declarações semelhantes a respeito do profeta, quando Godolias foi encarregado de administrar o Judá arruinado, revelam seu empenho de começar a construir o futuro. “Jeremias permaneceu no meio do povo... entre o povo que ficara na terra!” (Jr 39,14; 40,6) corresponde à sua opção de se engajar na reconstrução, partindo da estaca zero, quando o moral dos que ficaram na terra estava em seu nível mais baixo. A ausência do rei e do Templo minara, pela base, a segurança do povo. Faltava-lhe referencial político e religioso. De certo modo, estava entregue à própria sorte! Então, o profeta se lança em campo, como construtor de esperança.

Por ocasião da destruição de Jerusalém e do Templo, Naburzardã, comandante das tropas babilônicas, “deixou no território de Judá aqueles dentre o povo que eram pobres e não possuíam nada e, naquele dia, distribuiu-lhes vinhas e campos” (Jr 39,11). O oficial estrangeiro cumpriu um ato de justiça, tão caro aos profetas de Israel. Seria a sementinha da sociedade, ansiada por Jeremias, onde o direito dos pobres é garantido, longe da prepotência dos ricos e opressores? Em todo caso, a construção da esperança começava por aí<sup>31</sup>.

## Conclusão

No final deste percurso, saltam aos olhos alguns pontos firmes da atitude de Jeremias, no confronto com a Babilônia, poder hegemônico do momento.

– O profeta é realista ao pregar a submissão à Babilônia. Judá era um trapo, sem a mínima condição de enfrentar seus opressores. O poder hegemônico, no momento, mostrava-se imbatível.

– Entretanto, o profeta, movido pela fé, reconhece Iahweh como Senhor da história. Nabucodonosor é instrumento em suas mãos. O exílio terá fim, na hora em que o Deus de Israel decidir.

– O profeta dá-se conta da fragilidade do grande. Estava-lhe reservado um destino de destruição. Haveria de desaparecer, como a mensagem amarrada à

31. Cf. SIQUEIRA, 1999, p. 42-44.

pedra e atirada no Eufrates (cf. Jr 51,63). Quem oprime, será oprimido; quem destrói, será destruído. Não existe poder eterno! Quanto mais tirano e opressor, mais espetacular a queda.

– Os israelitas têm motivos para manter viva a chama da fé e da esperança, pois suas vidas estão nas mãos de Deus. Ao arrancar, derrubar, devastar e destruir, seguem o construir e o plantar (cf. Jr 1,10; 18,7.9; 31,28; 45,4). O futuro está sempre aberto à esperança! O poder do opressor não intimida o homem e a mulher de fé, que não se deixam seduzir por ele!

– A mensagem de Jeremias mostra-se atual para os discípulos e as discípulas de Jesus. A leitura da história, à luz da fé, permite-lhes relativizar a pretensão dos Impérios de todos os tempos. Nenhum deles tem o dom da eternidade. Mais cedo ou mais tarde, sua precariedade virá à tona. “Não parece incorreto afirmar, se cremos na soberania de Deus que controla a teologia do livro de Jeremias, que o império do capitalismo euro-norte-americano atual é uma provação de Deus e que em seu momento virá uma coisa nova (uma ‘nova aliança’, Jr 31,31-34)”<sup>32</sup> (PIXLEY, 2000, p. 112-113). Os ingênuos se deixam encantar pelos Impérios ou se amedrontam diante deles. Os profetas, não!

### **Bibliografia**

ALONSO SCHÖKEL, L.-SICRE DIAZ, J.L. *Profetas I: Isaías – Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988.

BAPTISTA, R.N. Jeremias profetiza com gestos de esperança – Jeremias 37,11-16, *Estudos Bíblicos* n. 91 (2006) 22-26.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CARAMELO, F. A sociedade de Judá perante as invasões neobabilônicas do século VI a.C.: clivagens sociais e políticas, *Arquipélago – História* 11 (1989) 67-88 ([https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/980/1/FranciscoCaramelo\\_p67-88.pdf](https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/980/1/FranciscoCaramelo_p67-88.pdf) – acesso em 02/02/2014)

FRADES, E. Jeremías: con Dios en la des-gracia y el des-aliento, *ITER* 56 (2011) 11-148.

HAHN, N.B.-KONZEN, L.Z. Uma voz contrária à guerra. Leitura de Jeremias 38,1-6, *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana* n. 50 (2005) 102-107.

KAEFER, J.A. A paixão do profeta – Jeremias 38,1-6, *Estudos Bíblicos* n. 91 (2006) 34-38.

KILPP, N. Jeremias escreve aos exilados. A dimensão crítica do anúncio profético de salvação, *Estudos Teológicos* 28 (1988) 9-20.

32. PIXLEY, 2000, p. 112-113.

MARGUERAT, D.-BOURQUIM, Y. *Para ler as narrativas bíblicas – Introdução à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.

MELLO, A. *Le courage de la foi – Jérémie, prophète pour temps de crise*. Paris: Lethiel-leux, 2007.

MENA LÓPEZ, M. Ebed-Melec, o cuchita, salva Jeremias da cisterna. Um testemunho de seguimento profético no tempo do cerco e queda de Jerusalém (Jeremias 38,7-13 e 39,15-18), *Estudos Bíblicos* n. 73 (2002) 42-54.

MINCATO, R. “Jeremias 29,1-7: ‘O futuro começa agora’”, *Estudos Bíblicos* n. 49 (1996) 37-47.

NAKANOSE, S. Não vos enganeis – Jeremias 37,1-10, *Estudos Bíblicos* n. 91 (2006) 17-21.

PETERLEVITZ, L.R. A esperança de um poder que não faça sofrer (Jeremias 39,11-18), *Estudos Bíblicos* n. 91 (2006) 57-61.

PIXLEY, J. Jeremias, o profeta para as nações, confronta seu próprio povo (Jr 21–24 + 26–29), *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana* n. 35-36 (2000) 109-115.

RÖMER, T. La conversion du prophète Jérémie à la théologie deutéronomiste. Quelques enquêtes sur le problème d’une rédaction deutéronomiste du livre de Jérémie, in CURTIS, A.H.W.-RÖMER, T. (eds.), *The Book of Jeremiah and its Reception*. Leuven: University Press, 1996, p. 27-50.

RUIZ, G. Jeremias: un modelo de lectura de Dios en la historia, *Sal Terrae* 69 (1981) 359-370.

SILVA, C. Uma nova oportunidade após a catástrofe? – Jeremias 40,1-12, *Estudos Bíblicos* n. 91 (2006) 62-65.

SIQUEIRA, T.M. Jeremias: entreguista ou realista? – Jeremias 38,14-28, *Estudos Bíblicos* n. 91 (2006) 44-52.

\_\_\_\_\_. O “resto” em Jeremias, *Estudos Bíblicos* n. 62 (1999) 37-44.

SUAIDEN, S., A cisterna da morte e o movimento dos sem poder – Jeremias 38,7-13, *Estudos Bíblicos* n. 91 (2006) 39-43.

VÁSQUEZ GUTIÉRREZ, C.M. Uma broa a cada dia! – Jeremias 37,17-21, *Estudos Bíblicos* n. 91 (2006) 27-33.

VITÓRIO, J. “Há uma esperança para o teu futuro” (Jr 31,17) – Despontar do novo para além das agruras do presente”, *Convergência* 37 (2002) 538-557.

VITÓRIO, J. Proclamar la esperanza en medio del fracaso – Teologia Bíblica del Exilio, *Christus* 69 (2005) 10-16.

*Jaldemir Vítório*

Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto

31720-300 Belo Horizonte-MG

e-mail: [jvitoriosj@faculdadejesuita.edu.br](mailto:jvitoriosj@faculdadejesuita.edu.br)